

# PERFIL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR REGISTRADAS EM UMA DELEGACIA DE POLÍCIA PARA A MULHER

Litiane Dias Jodar Machado<sup>1</sup>  
Adriana Dora da Fonseca<sup>2</sup>

**Introdução:** A violência não é um assunto novo na história da humanidade, relatos mostram a ocorrência de atos violentos desde a origem das civilizações e apesar de sempre ter estado presente, não se deve aceitá-la como parte inevitável da condição humana. Desde o início da década de 1980, profissionais de diversas áreas do conhecimento, pesquisadores (as) e gestores(as) de saúde assumiram as tarefas de entender as origens da violência e evitar que ela ocorra. A violência é definida como o uso intencional de força ou poder, através de ameaça ou agressão real, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, prejuízos psicológicos, problemas de desenvolvimento ou privação, portanto assume grande importância para a saúde pública pela sua dimensão, gravidade, vulnerabilidade e impacto social sobre a saúde individual e coletiva, pois tem sido uma das principais causas de morbimortalidade. Sua presença, cada vez maior, tem contribuído para a diminuição da expectativa e qualidade de vida, principalmente de adolescentes e jovens. Logo percebe-se a necessidade de desenvolver uma discussão acerca da violência doméstica e familiar que atinge em grande proporção crianças e adolescentes. A violência familiar é caracterizada pelas variadas formas de violência interpessoal, ou seja, agressão física, abuso sexual, abuso psicológico, negligência, abandono, maus-tratos, entre outras. Pode ser cometida dentro ou fora de casa, por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, mesmo que não tenham laços de parentesco, e em relação de poder à outra. Já a violência doméstica pode ser praticada por uma ou mais pessoas com laços familiares, conjugais ou de parentesco, ou com vínculo afetivo em condições de relação de poder, seja real ou de ameaça. Essa relação de poder pode ser física, etária, social, psíquica, hierárquica e/ou de gênero. A violência doméstica difere da familiar porque inclui outros membros do grupo, sem função parental, que convivem no espaço doméstico, por exemplo, os(as) empregados(as), as pessoas que convivem esporadicamente e agregados(as).

**Objetivos:** Traçar o perfil de crianças e adolescentes em situação de violência doméstica e familiar além do tipo de violência doméstica e familiar por elas sofridas e registradas na Delegacia de Polícia para a Mulher, em uma cidade situada ao sul do Rio Grande do Sul. **Metodologia:** Estudo quantitativo de caráter exploratório-descritivo do tipo documental com delineamento transversal, que aconteceu em uma Delegacia de Polícia Civil para a Mulher, que também atende crianças e adolescentes, devido à inexistência de delegacia específica para esta população. A pesquisa teve duração total de cinco meses e a coleta de dados aconteceu no segundo semestre de 2011. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde sob o parecer número 153/2011 e o estudo atendeu aos aspectos éticos estabelecidos pela resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Os

critérios de inclusão no estudo foram notificações de violências a crianças e adolescentes (segundo a definição do Estatuto da Criança e do adolescente) registradas na Delegacia desde sua implantação em 6 de agosto de 2009 até 30 de junho de 2011. Os dados foram coletados diretamente nos prontuários onde são registrados os casos de violência, com auxílio de um formulário semi-estruturado com questões fechadas e abertas. Para tornar a coleta mais ágil e precisa esse formulário foi adequado ao programa Microsoft Excel, objetivando apreender informações sobre a situação de violência doméstica e familiar. Todos os dados obtidos foram processados eletronicamente e tabulados pelo programa computacional *Statistical Package for the Social (SPSS) for Windows* – versão 9.0. Esses dados possibilitaram traçar o perfil da vítima (data de nascimento, sexo, naturalidade, cor da pele, escolaridade, com quem reside), bem como descrever o histórico da agressão (motivo da agressão, tipo de agressão, parte do corpo atingida, parentesco com o agressor, número de vezes que foi agredido, data da primeira agressão,). **Resultados:** Foram registradas desde 6 de agosto de 2009 até 30 de junho de 2011 114 ocorrências de violência contra crianças e adolescentes e ainda, os resultados obtidos revelaram que 102 pessoas do sexo feminino sofreram violência (89,5%) e em menor número, 12 pessoas do sexo masculino (10,5%). As vítimas do sexo masculino (41,7%) sofreram mais de atentado violento ao pudor e nas do sexo feminino predominou o estupro (39,2%). Constata-se que 99 crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e familiar são naturais do Rio Grande/RS (86,8%) e a maioria das vítimas (79,8%) possui o ensino fundamental. Vítimas agredidas pela primeira vez totalizaram 56,1%. Quanto ao motivo da agressão, 70,2% das vítimas agredidas não informaram o motivo. Entretanto para o tipo de agressão, os dados evidenciaram que 36,8% das vítimas sofreram estupro. Para parte do corpo agredida, podemos perceber que pouco mais da metade das vítimas sofreram de agressão psicológica (51,8%). Quanto à cor da pele das vítimas, 90 são brancas (78,09%) das quais 28,1% sofreram estupro. Constata-se também que 37,7% das vítimas residem apenas com suas mães após a ocorrência de violência. Ainda, relacionando o sexo da vítima e com quem a mesma reside percebe-se que 38 meninas (37,3%) residem somente com a mãe, já os meninos aparecem em menor número como vítimas, portanto 5 meninos (41,7%) residem somente com a mãe. Os dados apresentam que a maioria das vítimas 36,8% não possui nenhum grau de parentesco com o agressor. Ao se relacionar o sexo das vítimas com o grau de parentesco com o agressor, evidencia-se que 41,7% das vítimas do sexo masculino foram agredidas por não familiares e para o sexo feminino a faixa é de 36,3%. A relação entre o sexo da vítima e a parte do corpo agredida, mostra que tanto para o sexo feminino (52,0%), quanto para o sexo masculino (50,0%) a agressão psicológica acontece com maior frequência. Quanto ao grau de instrução relacionado ao tipo de agressão sofrido pelas vítimas, constata-se que pessoas com ensino fundamental (27,2%), foram vítimas de estupro. E com maior prevalência, as faixas etárias de 10 até 12 anos de idade aparecem em primeiro lugar (21,9%) como vítimas de violência, em seguida aparece tanto pessoas de 13 a 15 anos, quanto de 16 a 18 anos de idade com o mesmo índice (20,2%). Contudo, para o item desfecho das ocorrências, 69,3% dos agressores foram indiciados, mas seguem os inquéritos. **Discussão:** O abuso psicológico está presente em todas as formas de violência e deixa profundas marcas no desenvolvimento, podendo

comprometer toda a vida mental. Percebemos também nesse estudo que há a predominância de violência cometida contra crianças e adolescentes por não familiares, o que demonstra a vulnerabilidade dessas pessoas em relação aos adultos, que geralmente são pessoas próximas à vítima. Percebemos ainda que pessoas do sexo feminino sofrem precocemente a violência física, o que confirma uma cultura ainda machista que se ancora na noção de que cabe ao homem assegurar ou não a respeitabilidade da companheira. Sob essa influência, o homem desenvolveria uma estrutura de personalidade obsessiva, que atua para que ele se interponha diante de qualquer movimento da parceira de desejar alguma coisa que não seja ele mesmo. As pessoas do sexo feminino que sofreram violência física e/ou sexual têm mais problemas de saúde do que aquelas sem história de violência, em que se destacam: dores ou desconfortos severos, problemas de concentração e tonturas, tentativa de suicídio mais frequente e ocorrência de problemas relacionados à bebida alcoólica. As mulheres jovens que sofrem violência apresentam maior propensão a distúrbios psiquiátricos, tem menor autoestima, são mais inseguras e, quando grávidas, sofrem maiores riscos de abortamentos e mortalidade materna. Confirmamos ainda que existe dissonância acerca do compromisso de seguir o fluxo dos casos de violência, tanto por parte das instituições, quanto das equipes multidisciplinares, dificultando o combate à violência. **Conclusão:** O combate à violência contra a criança e adolescente requer um esforço conjunto que envolva a família, a sociedade civil, o poder público e os profissionais de saúde, para a articulação no processo de prevenção, identificação e denúncia dos casos. Só a conjunção dessas forças poderá contribuir para a redução dos fatores de risco e o reforço dos fatores protetores no enfrentamento do fenômeno da violência contra crianças e adolescentes. Este é um desafio que requer o estabelecimento de políticas públicas, o cumprimento das leis existentes e a participação e o comprometimento de todos os cidadãos, com vistas ao crescimento e desenvolvimento saudáveis dessa parcela da população, interrompendo-se o círculo da violência, sempre que possível. O estudo possibilitará a construção de um banco de dados o que se mostra relevante, pois permite monitorar o problema, identificar padrões de comportamento de evento, gerar hipóteses para estudos acerca de estratégias de atenção e prevenção, além de produzir informações confiáveis e oportunas. Pretende-se contribuir para gerar projetos, programas de extensão universitária, disseminando informações e capacitando profissionais da Atenção Básica em Saúde para a notificação, acolhimento e encaminhamento para a rede socioassistencial do município.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da 9ª série do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande/FURG

<sup>2</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Diretora da Escola de Enfermagem da FURG. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Enfermagem, Gênero e Sociedade – GEPEGS.